

## A nação em verde, branco, vermelho e... preto: a celebração da revolução islâmica iraniana na atualidade

Fabiano Gontijo<sup>1</sup>

Professor Titular da Universidade Federal do Pará

[fgontijo2@hotmail.com](mailto:fgontijo2@hotmail.com)

Na manhã de 11 de fevereiro de 2019, enquanto dormia em um hotel no centro da cidade iraniana de Isfahan, fui surpreendido com o barulho crescente de uma multidão que marchava e repetia slogans proferidos do alto de carros de som. A multidão era enorme, composta por homens de roupas pretas ou cinzas que faziam gestos com o braço direito, batendo fortemente no peito, enquanto as mulheres, quase todas, vestiam *abaya* preta, um pano que cobre o corpo desde a cabeça até o tornozelo, carregando imagens dos aiatolás Khomeini e Khamenei. No meio do préstito, viam-se cartazes com dizeres em persa e em inglês “*Down With USA*”, “*Down With Israel*”, “*Down With England*” – cartazes estilizados em boa impressão trazendo os símbolos de entidades islâmicas ligadas a ramificações da Guarda Revolucionária, o braço militarizado do aiatolá (Figura 1). Acompanhei alguns grupos até a praça principal, Naqsh-e Jahan, uma joia da arquitetura da dinastia Safávida, a mesma que reinou sobre a Pérsia entre os séculos XVI e XVIII e fez do islamismo xiita a religião oficial do Estado.<sup>2</sup>

Na praça – delimitada pelo bazar, imponentes mesquitas e parte do antigo palácio do xá –, a multidão se aglomerava para comemorar os 40 anos da Revolução Islâmica iraniana

- 
- 1 Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa.
  - 2 Para entender melhor o islamismo ou Islã e a divisão entre sunitas e xiitas, ver Arjomand (2016), Buresi (2007) e Sonn (2010).

entre um palco armado abaixo da varanda do palácio e as inúmeras barracas provisórias montadas para representar as diversas entidades islâmicas que ajudam a manter os princípios e valores revolucionários até os dias de hoje. O palco era, no momento da minha chegada, compartilhado por membros do clero e provavelmente políticos, além de uma orquestra de jovens rapazes (Figuras 2 e 3). De vez em quando, gritos contra alguns países eram entoados – Estados Unidos, Israel, Inglaterra, Paquistão e Afeganistão. Toda a praça era vigiada, do alto dos prédios históricos, por atiradores de elite. Eu e meu companheiro éramos os únicos estrangeiros e não demoramos muito para perceber que as pessoas nos olhavam com uma mescla de desconfiança e surpresa, sempre timidamente sorridentes.

Nas ruas do entorno, muitos grupos de estudantes arvoravam bandeiras nas cores do país e pousavam para fotografias perto de monumentos aos mártires da Revolução e da guerra contra o Iraque, inclusive pediam que eu os fotografasse (Figuras 4, 5 e 6). Por fotografar, fui gentilmente repreendido por alguns jovens vestidos com uniformes, possivelmente membros da *Basij*, a temida força policial de controle moral. Poucas mulheres vestiam roupas coloridas, poucas deixavam entrever parte dos cabelos ou usavam maquiagem, como aquelas que eu tinha visto nos dias anteriores nessa mesma área da cidade (Figuras 9, 10, 11 e 12). Percebi que em todos os canais de televisão naquele dia só passavam as imagens das câmeras instaladas em diversos pontos das principais cidades com multidões vestidas principalmente de preto que haviam tomado as ruas para as comemorações.

Entre o final de 1978 e o início de 79, uma série de revoltas populares culminaram com a deposição do xá, o fim da monarquia, a ascensão do aiatolá Khomeini ao poder e a instauração da República Islâmica do Irã, um regime teocrático dos mais peculiares do planeta (Buchta 2000). Desde o início do século XX, a então chamada Pérsia vinha passando por um processo de inserção no jogo de disputas das potências colonialistas e imperialistas europeias, principalmente a Rússia e o Reino Unido num primeiro momento e, depois, os Estados Unidos, interessadas no monopólio do acesso ao petróleo abundante (Cronin 2013; Katouzian 2003). Ao longo do século, o país teve o seu nome mudado para Irã e passou a revalorizar sistematicamente o passado pré-islâmico representado principalmente pelo Império Aquemênida de Ciro, o Grande, numa tentativa de se distinguir ao máximo do passado islâmico e da associação com o mundo árabe: os persas/iranianos falam uma língua indo-europeia, consideram-se genética e racialmente vinculados aos arianos e reivindicam para si a história do primeiro império tolerante, democrático e inclusivo que a humanidade teria conhecido, o que os diferenciaria sobremaneira dos árabes. No entanto, a modernização e a ocidentalização forçadas promovidas pela monarquia descontentavam

os comerciantes dos bazares e o clero xiita, enquanto os excessos do capitalismo, o êxodo rural e a concentração dos lucros da exploração de commodities por estrangeiros nas mãos da nobreza acusada de corrupção descontentavam o proletariado precarizado, os camponeses famintos e a esquerda banida. Completava o quadro a perseguição violenta da polícia secreta do Estado, a SAVAK, direcionada a todos os que se opunham às políticas do xá ditadas muitas vezes por seus parceiros ocidentais (Abrahamian 2008; Arjomand 1988; Keddie 1981).

Na década de 1960, uma autoridade religiosa que vinha se opondo veementemente à modernização do país, o aiatolá Khomeini, foi exiliado na Turquia, depois no Iraque e finalmente na França, de onde conseguia divulgar os seus discursos contrários à monarquia por meio de fitas-cassetes enviadas aos mais recônditos cantos do Irã e liderar a oposição ao regime. O movimento revolucionário chamou a atenção do mundo todo por seu potencial crítico em relação aos excessos do capitalismo, da modernidade e da ocidentalização do planeta (Arjomand 1988; Coggiola 2008; Keddie 1981), como confirmou *in loco* Michel Foucault. O filósofo esteve no Irã por duas ocasiões no final de 1978, contratado pelo jornal italiano *Corriere della Sera*, para produzir textos reflexivos sobre os eventos. Ficou bastante impressionado com a maneira como o movimento parecia incorporar uma “vontade coletiva perfeitamente unificada” da qual emanava uma “espiritualidade política” única (Foucault 2001: 693), uma forma de fazer política que, segundo ele, teria se perdido no Ocidente com o advento da modernidade. Ele acreditava, assim como muitos apoiadores do movimento, que um “governo islâmico” seria instaurado, mas sem que o clero assumisse de fato o poder político, um governo com as seguintes características: a valorização do trabalho; ninguém poderia ser privado dos frutos de seu trabalho; ninguém deveria se apropriar daquilo que pertence a todos (água, recursos do subsolo etc.); as decisões políticas deveriam ser tomadas pela maioria e os dirigentes teriam que ser responsáveis perante o povo, além de atender e prestar contas à sociedade; as liberdades individuais seriam respeitadas na medida em que não prejudicassem a outrem; as minorias seriam protegidas e livres de viver como bem entendem, à condição de não prejudicarem a maioria; não deveria haver desigualdades de direitos entre homens e mulheres, “[...] mas diferenças, já que existe diferença por natureza.” (Foucault 2001: 692)<sup>3</sup>.

A “vontade coletiva perfeitamente unificada” de que tratou Foucault resumia-se à reivindicação de derrubada do xá e significava “[...] o fim da dependência, o desaparecimento da polícia, a redistribuição da renda do petróleo, a caça à corrupção, a reativação do Islã, um outro modo de vida, novas relações com o Ocidente, com os países árabes, com a Ásia,

3 Tradução livre do francês: “[...] *mais différences, puisqu’il y a différence de nature.*”

etc.” (Foucault 2001: 715)<sup>4</sup>. Era nesse contexto que Khomeini entrava em cena como aquele que “não estava lá”, já que estava no exílio havia mais de quinze anos, aquele que “não dizia nada”, somente que o xá deveria deixar o poder e, enfim, aquele que “não era um político”, pois não teria a intenção de se envolver na política; ou, segundo Foucault, “[...] não haverá um partido de Khomeini, não haverá um governo Khomeini. Khomeini é o ponto de fixação de uma vontade coletiva.” (Foucault 2001: 716)<sup>5</sup>. O momento exercia assim um grande fascínio sobre Foucault, em razão de seu potencial anti-moderno e anti-ocidental e pela sua base islâmica, o que o fazia acreditar que era um movimento que não se deixava dominar por escolhas políticas ou partidárias, simplesmente por se tratar de “[...] um movimento atravessado pelo sopro de uma religião que fala menos do além do que da transfiguração desse mundo.” (Foucault 2001: 716)<sup>6</sup>. No último texto que publicou no jornal italiano, datado de 13/02/1979, dois dias depois da ascensão de Khomeini ao poder, Foucault sugeriu que deveria, naquele momento, começar o ato principal da encenação, aquele em que a luta de classes, as vanguardas armadas e os partidos organizadores das massas populares, dentre outras categorias sociais, entrariam em cena (Afary & Anderson 2005).

Mas, isso não aconteceu. Em março de 1979, foi proclamada a República Islâmica do Irã. À sua frente, concentrando grande parte dos poderes como Líder Supremo, o aiatolá Khomeini. No dia 7 de março, Khomeini pregou, na cidade sagrada de Qom, que todas as mulheres *no* país deveriam obrigatoriamente a partir de então usar o véu e não poderiam mais usar maquiagem. Contra as primeiras execuções de partidários/as de esquerda, homossexuais e mulheres ocidentalizadas, protestos tomaram as ruas das grandes cidades, sempre violentamente reprimidos por aquela que estava se tornando a Guarda Revolucionária e sua polícia moral (Arjomand 1988).

Aproveitando-se da situação no Irã, o Iraque invadiu uma área de fronteiras, levando a uma guerra que duraria até 1988 e deixaria mais de setecentos mil mortos. O Iraque era governado por Saddam Hussein, um sunita em um país de maioria xiita. Durante o exílio de Khomeini no Iraque, Saddam Hussein o via como uma ameaça ao seu governo, já que o aiatolá vinha se tornando popular entre a maioria xiita local, incitando-a a questionar o poder do líder sunita. A oposição entre os dois culminou com a expulsão de Khomeini do Iraque e

4 Tradução livre do francês: “[...] *la fin de la dépendance, la disparition de la police, la redistribution du revenu pétrolier, la chasse à la corruption, la réactivation de l’Islam, un autre mode de vie, de nouveaux rapports avec l’Occident, avec les pays arabes, avec l’Asie, etc.*”

5 Tradução livre do francês: “[...] *il n’y aura pas de parti de Khomeyni, il n’y aura pas de gouvernement Khomeyni. Khomeyni est le point de fixation d’une volonté collective.*”

6 Tradução livre do francês: “[...] *un mouvement traversé par le souffle d’une religion qui parle moins de l’au-delà que de la transfiguration de ce monde-ci.*”

a sua ida para a França. Em 1980, com o apoio dos Estados Unidos e da Arábia Saudita sunita, além de outros países da região produtores de petróleo (também governados por sunitas), o Iraque invadiu o Irã sob o pretexto de uma disputa de fronteiras; mas, de fato, tratava-se de conter o perigo que o exemplo de sucesso da Revolução xiita representava para o *status quo* regional e também de limitar o poder econômico do Irã em razão da importância da sua produção petrolífera (Coggiola 2008; Takeyh 2009). A guerra acabou sendo uma ocasião ímpar para o “regime dos aiatolás” se livrar dos opositores mais radicais e produzir mártires que seriam venerados solenemente em todas as ocasiões festivas, como se pode ver nas fotografias carregadas pelas pessoas nas manifestações em apoio ao regime, cartazes e banners afixados nos muros dos prédios públicos e flâmulas ornando os postes até os dias de hoje (Figura 13). Enfim, a guerra consolidou o poder dos aiatolás e direcionou seu ódio ao Ocidente e a seus parceiros, encarnado pelos Estados Unidos, o “Grande Satã” (Khosronejad 2013; Takyeh 2009).

Com a crise econômica gerada pela Revolução e incrementada pela guerra, surgiram divergências entre os aiatolás na maneira de lidar com o principal produto de exportação do país, o petróleo, já que uma parte moderada defendia reformas para viabilizar parcerias com países ocidentais, enquanto a parte mais conservadora abominava as influências estrangeiras (Adelkhan 1998). A morte de Khomeini em 1989 e a sua substituição pelo atual Líder, o aiatolá Khamenei, ampliou a importância da ala mais moderada que tenta, até os dias de hoje, com altos e baixos, promover mudanças sem que haja uma nova revolução, através de reformas econômicas importantes no sentido de uma reaproximação paulatina com o Ocidente e pequenas concessões no que diz respeito aos aspectos biopolíticos do governo, como o direito de mulheres usarem roupas moderadamente coloridas (Abrahamian 2008; Sadeghi-Boroujerdi 2019).

Os bons ares trazidos pela administração de Barak Obama nos Estados Unidos em sua relação com o Irã se sobrepuseram às sanções econômicas nefastas que haviam sido impostas por Bush – após os ataques de 11 de setembro de 2001, Bush acusou o país de liderar o “eixo do mal” de países que supostamente apoiariam o terrorismo internacional (Dabashi 2011). O reflexo do relaxamento das sanções, acrescido das manifestações que vêm acontecendo cada vez com mais intensidade no país, gerou mudanças paulatinas na vida cotidiana dos iranianos e, principalmente, das iranianas, até três anos atrás. Com a administração Trump, porém, o Irã se vê novamente submetido a um embargo ainda mais severo que estrangula a economia e desafia a população a tomar medidas radicais, diante da inflexibilidade do clero mais conservador que detém boa parte do poder político (Dabashi 2016; Ghamari-Tabrizi 2016; Sadeghi-Boroujerdi 2019).

As 13 fotografias captadas por mim e duas por Igor Erick (meu companheiro de viagem) que compõem esse ensaio trazem um registro imagético das comemorações dos 40 anos da Revolução em 11 de fevereiro de 2019, na cidade de Isfahan, com uma câmera da marca Canon, modelo PowerShot HD 60 SX. As fotografias apresentam pessoas comuns de diversas idades (Figuras 4, 7, 8, 10 e 13), homens e mulheres (Figuras 9, 10, 11, 12 e 14), membros do clero (Figuras 2 e 13), agentes das forças de controle moral e militares e estudantes (Figuras 3, 5 e 6) que se reuniram nas imediações da praça principal, sob a organização das instâncias estatais e associativas islâmicas, com o intuito de defender os valores revolucionários e os símbolos da nação que, para muitos/as outros/as que ali não estavam, já estariam obsoletos (Figura 15).

### Referências

- ABRAHAMIAN, Ervand. 2008. *A History of Modern Iran*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ADELKHAN, Fariba. 1998. *Être Moderne en Iran*. Paris: Karthala.
- AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. (org.). 2005. *Foucault and the Iranian Revolution: Gender and the seductions of islamism*. Chicago: Chicago University Press.
- ARJOMAND, Saïd A. 1988. *The Turban for the Crown: the islamic revolution in Iran*. Oxford: Oxford University Press.
- ARJOMAND, Saïd A. 2016. *Sociology of Shi'ite Islam*. Leiden: Brill.
- BUCHTA, Wilfried. 2000. *Who Rules Iran? The structure of power in the islamic republic*. Washington: The Washington Institute for Near East Policy.
- BURESI, Pascal. 2007. "Histoire de l'Islam". *La Documentation Française*, Dossiê nº 8058, julho-agosto. pp. 2-66.
- COGGIOLA, Osvaldo. 2008. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Editora Unesp.
- CRONIN, Stephanie (org.). 2013. *Iranian-Russian Encounters: empires and revolutions since 1800*. Londres.
- DABASHI, Hamid. 2011. *Brown Skin, White Masks*. Londres: Pluto Press.
- DABASHI, Hamid. 2016. *Iran: The rebirth of a nation*. Nova York: Palgrave-MacMillam.
- FOUCAULT, Michel. 2001. *Dits et Écrits – Vol. II (1976-1988)*. Paris: Gallimard.
- GHAMARI-TABRIZI, Behrooz. 2016. *Foucault in Iran: Islamic Revolution after the Enlightenment*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- KATOUZIAN, Homa. 2003. *Iranian History and Politics: the dialectic of state and society*. Londres: Routledge.
- KEDDIE, Nikki. 1981. *Roots of Revolution: An interpretive history of modern Iran*. New Haven: Yale University Press.
- KHOSRONEJAD, Pedram. 2013. *Unburied Memories: the politics of bodies of sacred defense*

*martyrs in Iran*. Nova York: Routledge.

SADEGHI-BOROUJERDI, Eskandar. 2019. *Revolution and Its Discontents: political thought and reform in Iran*. Cambridge: Cambridge University Press.

SONN, Tamara. 2010. *Islam: a Brief History*. Malden: Willey-Blackwell.

TAKYEH, Ray. 2009. *Guardians of the Revolution: Iran and the world in the age of the ayatollahs*. Oxford: Oxford University Press.

Recebido em 02 de junho de 2020.

Aprovado em 06 de agosto de 2020.



Figura 1: Cartaz / frente e verso. Isfahan, Irã (2019).



Figura 2: Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019).



Figura 3: Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 4:** Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019) – cedida por Igor Erick.



**Figura 5:** Praça Imam Hussein, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 6:** Praça Imam Hussein, Isfahan, Irã (2019).



Figura 7: Prefeitura, Praça Imam Hussein, Isfahan, Irã (2019).



Figura 8: Praça Imam Hussein, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 9:** Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 10:** Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 11:** Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 12:** Isfahan, Irã (2019) – cedida por Igor Erick.



**Figura 13:** Banners de mártires da Guerra contra o Iraque. Praça Naqsh-e Jahan, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 14:** Praça Imam Hussein, Isfahan, Irã (2019).



**Figura 15:** “Os portadores dos valores da Revolução e símbolos da nação”. Praça Imam Hussein / Rua Chahar Bagh-e Abassi, Isfahan, Irã (2019)..